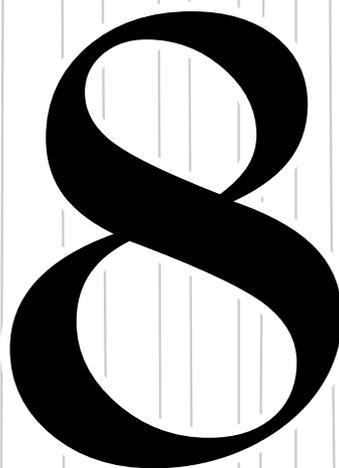


# **Narrativas orais e (trans)masculinidade: (re)construções da travestilidade (algumas reflexões iniciais)**

*Oral narratives and (trans)masculinity:  
(re)constructing transvestility (some tentative reflections)*

**Rodrigo Borba**

*Professor Assistente do Departamento de Letras Anglo-Germânicas,  
Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Doutorando do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada, UFRJ  
rodrigoborba@letras.ufrj.br*



## Resumo

A partir de um estudo etnográfico realizado entre 2003 e 2004 em uma comunidade de travestis que se prostituem em uma região urbana do Rio Grande do Sul, o presente artigo traz à baila uma discussão sobre a identidade travesti. Mais precisamente, analisa-se a construção discursiva da transmasculinidade, ou seja, a “masculinidade” travesti. Essa “masculinidade” específica é o efeito de posicionamentos interacionais adotados em narrativas orais contadas pelas informantes nas quais características ideologicamente tidas como femininas e masculinas são sobrepostas e, assim, as travestis posicionam-se nas fronteiras dos gêneros. Para essa discussão, duas narrativas sobre violência e sobre sexualidade são analisadas sob o prisma da teoria da performatividade para demonstrar o caráter fragmentado, fluido e sempre em devir da travestilidade.

Palavras-chave: Travestilidade. (Trans)masculinidade. Narrativas orais. Performatividade.

## Abstract

Drawn from an ethnographic fieldwork conducted from 2003 to 2004 in a community of transvestites who prostitute themselves in an urban area of the state of Rio Grande do Sul, this paper advances a discussion on the transvestite identity. More precisely, I analyse the discursive construction of transmasculinity, i.e., transvestites' “masculinity”. This specific kind of “masculinity” is the effect of interactional positionings adopted in narratives told by the informants in which features ideologically believed to be linked to femininity and masculinity are overlapped. Through this overlapping of gendered discursive positions transvestites place themselves in gender frontiers. Two narratives about violence and sexuality are analysed through the perspective of performativity's theory in order to demonstrate the fragmented, fluid and multilayered aspects of transvestility.

Keywords: Transvestility. (Trans)masculinity. Oral narratives. Performativity.

*“O que a natureza divide, a fala frivolamente encaixa, insere e mistura”*

*Erving Goffman*

## **Introdução**

### **Cena**

*Conversávamos em tom deliciosamente informal na sede da Liberdade em uma quente tarde de quarta-feira. Cassiana, sempre muito bem informada, contava as novidades sobre as monas<sup>1</sup> da Cidade do Sul: Cynthia estava “batendo porta”<sup>2</sup> como prostituta em Paris; chegara à cidade uma travesti belís-si-ma nascida em Manaus; Suzi andava “sumida” pois estava envolvida em rituais do candomblé; Thalia fora impedida de entrar no banheiro feminino de um shopping e fez um escândalo... Todas essas informações eram comentadas em diferentes tonalidades: ironia, sarcasmo, risos e muitos conselhos. Bárbara, em certo momento, fala sobre sua nova estratégia de inserção no mercado sexual da cidade: anunciaria seus serviços em classificados de jornais! Cassiana e Marcela, respectivamente coordenadora e tesoureira da ONG, já haviam utilizado tal recurso e aproveitam a oportunidade para aconselhar a iniciante. Bárbara deveria escolher o jornal de acordo com seu público-alvo. Além disso, a compra de um celular exclusivo para o serviço deveria ser agilizada e, o mais importante, o texto do anúncio teria que ser muito bem pensado. Todas presentes sugeriram um possível texto. Até mesmo eu tentei ajudar. Minutos depois, Bárbara, entusiasmada, tem uma ideia que, segundo ela, atrairia muitos clientes. Porém, manteve segredo. Dias depois, recebo uma ligação: Bárbara pedia minha opinião sobre seu anúncio. Abro o jornal e procuro a página por ela indicada. Lá encontro seu texto: “Bruna”<sup>3</sup>, corpo de Eva com o melhor de Adão”. [Diários de campo, 21/01/2004].*

---

<sup>1</sup> Termo êmico que se refere às travestis. Parece-me que a escolha da palavra *mona*, de desinência feminina, é uma forma de driblar as limitações gramaticais para construção de uma identidade de gênero coerente com a imagem feminina das travestis.

<sup>2</sup> Termo êmico que se refere à frequência dos programas feitos. *Bater porta* faz alusão ao ato de entrar e sair dos carros dos clientes.

<sup>3</sup> É comum entre as travestis a utilização de vários nomes que são contextualmente específicos. Assim, uma travesti tem um nome feminino para o círculo de seu convívio social, outro para a prática de prostituição rueira, mais um para a prostituição via Internet e, como no caso ilustrado, um nome específico para os anúncios em jornais. Esse padrão de uso de pseudônimos foi também descrito por Benedetti (2005, p. 49). Ademais, por motivos de natureza ética, utilizo pseudônimos para me referir às colaboradoras da pesquisa. Assim, nessa cena, utilizo pseudônimos de pseudônimos de pseudônimos.

Na cena acima ilustrada, a travesti Bárbara, ao anunciar seus serviços sexuais em um jornal, faz uso de discursos que a constroem na interseção da feminilidade e da masculinidade (BORBA; OSTERMANN, 2007, 2008), ilustrando, assim, o poder que a linguagem e seu corpo têm de lhe prover identidades em práticas discursivas que põem sua vida em sociedade. Com o intuito de “atrair muitos clientes”, a anunciante faz uso de discursos que, ao serem sobrepostos, ou como Goffman (2002) diz – encaixados, misturados – produzem o efeito de uma identidade específica: a identidade travesti. Bárbara, dona de um “corpo de Eva” que mantém “o melhor de Adão”, sublinha os atributos corporais que a constroem nos limiares de discursos sobre o gênero social disponíveis em uma sociedade fortemente católica. A feminilidade, a candura e a pureza associadas à imagem bíblica de Eva são entrelaçadas à virilidade representada pelo corpo de Adão. Ao valer-se de discursos e imagens que, segundo ela, podem garantir-lhe uma boa clientela, Bárbara discursivamente apropria-se de atributos identitários que visam enfatizar a construção de sua própria identidade baseada na manipulação de uma biologia masculina na tentativa de moldar seu corpo com formas e atributos simbólicos convencionalmente ligados ao feminino.

Dessa forma, Bárbara ilustra os dois construtos utilizados neste texto para a interpretação do que aqui chamo transmasculinidade, i.e., uma possível construção de “masculinidade” elaborada pelas travestis<sup>4</sup> colaboradoras da pesquisa, uma “masculinidade” construída a partir de sua linguagem e seu corpo que desmantela, agrega e reconstrói o que conhecemos por masculinidade através de índices de feminilidade: a linguagem e o corpo. Embora o conceito de transmasculinidade seja aqui utilizado para argumentar que as travestis investigadas não somente constroem uma feminilidade enfatizada (CONNEL; MESSERSCHMITT, 2005), transformando e transgredindo suas determinações biológicas e sua socialização de gênero primária – como bem discutido na literatura especializada (KULICK, 1998; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2005a, 2005b) –, devemos manter em perspectiva que a transmasculinidade é um efeito dos posicionamentos discursivos adotados pelos/as falantes de uma língua de forma situada, contextual e estratégica para seus propósitos interacionais correntes. Assim, o conceito de transmasculinidade ilustra as apropriações dos masculinos nos

---

<sup>4</sup> Utilizo o feminino gramatical para me referir às travestis. Além de um posicionamento político, essa estratégia está em consonância com o uso efetuado pelas colaboradoras da pesquisa para garantir autenticidade e coerência discursiva e suas práticas corporais. Ver Borba e Ostermann (2007, 2008) para discussões mais detalhadas sobre o uso do feminino e do masculino gramatical pelas travestis participantes da pesquisa.

femininos e vice-versa, contribuindo para que possamos entender tanto como pessoas tradicionalmente generificadas quanto pessoas transgenerificadas têm a possibilidade de circular (estrategicamente) nos discursos de gênero disponíveis em seus *milieux* socioculturais. Destarte, a transmasculinidade, antes de poder ser considerada a “masculinidade travesti” – como chamo neste artigo – deve ser entendida como uma atualização de discursos generificados marcada por múltiplas afiliações a posições de sujeito tidas como masculinas e femininas; é um efeito discursivo disponível para os/as falantes de uma língua (e potencialmente utilizado por qualquer um/a) para suprir propósitos identitários locais.

O que chamo de transmasculinidade é, assim, um efeito dos posicionamentos discursivos adotados por usuários/as de dada língua ao sobrepor discursos generificados culturalmente aceitos. Dessa forma, a construção desse movimento discursivo-identitário ilustra o aparato teórico-analítico que guia esta investigação: uma visão socioconstrucionista do discurso e das identidades sociais (MOITA LOPES, 2002, 2003). Segundo essa perspectiva, nossas identidades são construídas *através* do discurso, não havendo, assim, uma identidade única alocada na *psiché* dos indivíduos. Pelo contrário, as identidades são (des)construídas no momento do engajamento em algum embate discursivo (MOITA LOPES, 2003; DAVIES; HARRÉ, 1990), sendo, assim, o resultado/efeito dos processos socioculturais e interacionais nos quais nos envolvemos cotidianamente. Moita Lopes (2002, p. 37) afirma que “as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre os indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados”. Desse modo, as identidades não estão prontas nem fixas, mas situadas em processos discursivos que as constroem a partir de propósitos localmente negociados. Destarte, ao nos engajarmos em algum embate discursivo, temos a oportunidade de fazer usos de determinados discursos para nos (re)construir e, simultaneamente, (re)construir nossos/as interlocutores/as como determinados tipos de pessoas.

Com isso, não se afirma que acordamos a cada dia como outra pessoa completamente diferente. Muito pelo contrário. Como observa Fabrício (2006, p. 46), “existir seria existir sempre em movimento, em meio a oscilações entre continuidades e rupturas”; é a partir dessas oscilações entre discursos de identidades que podemos perceber um certo grau de estabilidade que nos ajuda a manter uma certa coerência identitária em nossas interações. Fabrício e Moita Lopes (2004, p. 15), recorrendo à filosofia da linguagem de Wittgenstein, sugerem que

a utilização do critério de identidade (em relação às coisas ou às pessoas), supondo a existência de identidades iguais a si mesmas, diz respeito a uma operação lógica, instauradora de algum grau de estabilidade para os sentidos, a qual exerce sobre nós uma força coercitiva, pois constitui uma estratégia para lidar com o caráter cambiante do significado. O efeito de estabilidade não seria intrínseco às ideias em jogo, mas sim atributo do uso, único responsável por certa constância na significação. Assim sendo, o conceito de identidade funciona como um conceito operacional que, subordinando-se a regras de uso que aprendemos a reificar, possibilitaria a criação de sentido entre as pessoas.

Consoante autora e autor, a estabilidade deve ser considerada como um efeito do uso repetido de padrões identitários, e não como um aspecto intrínseco às identidades. Essa estabilidade só pode ser percebida através de um escrutínio público que decide “o que conta como 'o mesmo'” (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2004, p. 16). Assim, ao nos movimentarmos em diversos discursos, produzimos o efeito de estabilidade no momento em que nos colocamos no palco interacional sobre o qual a audiência decide o que conta como sendo nós mesmos. Outro fator importante na construção da estabilidade (operacional) das identidades é a questão da repetição de discursos que, ao serem proferidos, produzem um efeito de substância, como bem observa Butler (2003a, 2003b). Segundo os argumentos dessa autora, as identidades *parecem* ser naturais e estáticas, pois os indivíduos reproduzem discursos já sedimentados na cultura, o que produz um efeito de continuidade e essência. Porém, os indivíduos têm a potencialidade da repetição subversiva, como argumenta Butler (2003a, 2003b). Isso quer dizer que podem reificar discursos a eles disponíveis, porém, sobrepondo-os a outros significados e produzindo arranjos identitários inauditos, como veremos na argumentação que se segue.

### **Travestis: a construção do feminino**

Indivíduos que sobrepõem e, assim, desestabilizam práticas semióticas disponíveis para a construção do gênero social têm posições-de-sujeito salientes em qualquer sociedade<sup>5</sup>. No Brasil, esse é o caso das travestis. A última década

---

<sup>5</sup> São exemplos desse fato as berdaches norte-americanas (GOULET, 1997), as hijras (HALL, 1997) e os kotis da Índia (HALL, 2005), as xanith do Omã (WIKAN, 1977), as panema do Paraguai (MAGEO, 1992), as fa'aleiti de Tonga (BESNIER, 2003), as mahu do Taiti (LEVY, 1971), toms e dees tailandeses (SINNOT, 2004) e as nadleehi das tribos Navajo nos Estados Unidos (EPPLÉ, 1998), entre outros/as.

testemunhou uma explosão discursiva sobre a identidade travesti na mídia e na academia (SILVA, 1993, 1996; KULICK, 1997, 1998; PIRANI, 1997; BENEDETTI, 2000, 2005; KULICK; KLEIN, 2003; PELÚCIO 2005a, 2005b). Etnografias sobre esse grupo põem sob escrutínio sua configuração social e suas visões de mundo na tentativa de entender o fenômeno da travestilidade<sup>6</sup>. Para tanto, os estudos citados descrevem, nos mais variados contextos socioculturais, como sujeitos nascidos biologicamente masculinos moldam seus corpos com formas femininas através de uma miríade de práticas (como o uso de hormônios femininos e a injeção de silicone industrial para arredondar as formas corporais). É interessante notar que a maioria das pesquisas sobre travestis centra seus esforços na interpretação do aprendizado e da construção do feminino, ou seja, tentam diagnosticar o fenômeno da transformação de gênero (BENEDETTI, 2005). Porém, igualmente interessante é observar que as travestis não só transformam seu gênero, cruzando, como se pensa, as fronteiras dos gêneros (LOURO, 2001), mas nelas vivem e, assim, forçam a coexistência de múltiplos significados genericados na construção de suas identidades – masculinidades aí também incluídas.

Outro fator importante a ser levado em consideração para que possamos criar inteligibilidades sobre a travestilidade é a maneira com que esses indivíduos utilizam a linguagem na construção de suas identidades. Considerando que a linguagem tem um papel crucial na estruturação de nossa experiência (COATES, 1998), é mister que investiguemos como as travestis a utilizam para construir-se como seres sociais. Mais especificamente, para os propósitos deste estudo, enfatizamos a relevância das narrativas orais contadas por travestis para a configuração de seu (trans)gênero.

Os dados aqui analisados foram gerados durante uma incursão etnográfica entre 2003 e 2004 em uma comunidade de travestis que se constituem em uma região urbana do sul do Brasil. Para a realização do trabalho de campo, contei com o apoio de ativistas da ONG Liberdade<sup>7</sup>. Essa ONG, idealizada e fundada por um grupo de travestis politicamente engajadas na luta LGBT, visa à melhoria das perspectivas sociais das travestis na Cidade do Sul. Para o presente estudo, investigamos a manipulação de posicionamentos interacionais ideologicamente tidos como masculinos em duas narrativas orais contadas por travestis em momentos distintos do trabalho de campo na ONG Liberdade.

---

<sup>6</sup> Peres (2004, p. 120) cunha o termo *travestilidade*, em oposição a travestismo, pois, segundo o autor, esse termo contempla “a imensa complexidade das formas de expressão travesti existentes, considerando a heterogeneidade dos modos de ser no mundo que é configurado pela subcultura travesti”. Esse termo será utilizado neste trabalho para se referir à identidade travesti.

<sup>7</sup> Os nomes da ONG e das travestis que dela participam foram trocados por pseudônimos por motivos de caráter ético.

As travestis, por subverterem as práticas semióticas disponíveis para produção de gênero social, estão entre as figuras mais características do mundo urbano gay do Brasil (PARKER, 2002). A utilização de um complexo sistema de *techniques du corps* (MAUSS, 1996) para a aquisição de um novo corpo e, conseqüentemente, de uma nova identidade é o traço diacrítico da travestilidade. Sua mobilidade em diferentes esferas do gênero e da sexualidade permite às travestis transitar por uma multiplicidade de discursos sobre as posições de sujeito disponíveis na sociedade. Assim, a configuração de um *habitus* (BOURDIEU, 1986) travesti, com suas especificidades sócio-físico-culturais, é construída na fluidez de significados elaborados em suas práticas sociais, suas trocas sexuais, seu corpo e, como tentamos argumentar, na maneira que esses indivíduos utilizam a linguagem para fabricar seu repertório de identidades.

Segundo Benedetti (2000), entre as travestis, a percepção do corpo e sua fabricação constituem sua identidade social e seu processo de fabricação como pessoa. Assim, “o corpo das travestis é antes de tudo uma linguagem; é no corpo e através dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem às pessoas suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem como sujeitos” (BENEDETTI, 2005, p. 46; PELÚCIO 2005a, 2005b; BORBA, 2009, no prelo; BORBA; OSTERMANN, 2007, 2008)<sup>8</sup>. Além disso, é o processo de fabricação de identidades, corpos e gêneros que ocupa as travestis durante toda a sua vida: “Ser travesti é um processo, não se encerra nunca” (PELÚCIO, 2005a, p. 224).

No trabalho de campo, pudemos verificar a plêiade de técnicas utilizadas por travestis para marcar seus corpos com formas femininas culturalmente aceitáveis. O corpo travesti é treinado minuciosamente para adquirir características associadas às mulheres e torna-se, assim, um projeto (SHILLING, 1997), um gabarito sobre o qual suas identidades são ressignificadas constantemente. Da maneira de mexer nos cabelos às curvas de seus corpos, as travestis ostentam um complexo sistema de técnicas para a construção do feminino. Porém, descrevemos somente duas dessas técnicas: o uso de hormônios e a utilização de silicone. Embora não sejam as únicas para a fabricação do feminino travesti, parecem ser as mais constantes na comunidade sob escrutínio.

Tratamentos hormonais parecem constituir um ritual de passagem (BENEDETTI, 2005) através do qual o devir travesti é conquistado. A compra

---

<sup>8</sup> Veremos, porém, que a linguagem também tem papel fundamental na construção social das travestis.

de hormônios femininos é facilmente efetuada em qualquer farmácia da Cidade do Sul. Basicamente, há três tipos de hormônios: os comprimidos, os injetáveis e os adesivos. As informantes da pesquisa não costumam utilizar somente um desses tipos, mas, sim, combiná-los das mais variadas formas. Porém, de acordo com uma pesquisa elaborada pela ONG Liberdade, o hormônio injetável é o mais frequentemente utilizado. As travestis entrevistadas pela ONG afirmam que o preferem por ser mais concentrado e, por isso, modificar seus corpos mais rapidamente. No entanto, os outros dois tipos também são muito usados e, durante o trabalho de campo, verificou-se que todas as travestis participantes dos grupos da Liberdade utilizam algum tipo de hormônio feminino. Assim, pode-se dizer que o processo de hormonização corporal elaborado pelas travestis é um dos traços diacríticos da travestilidade. Ou seja, como disse Marcela, uma das colaboradoras da pesquisa, “travesti que é travesti tem que ser hormonizada!”.

Não há conversa entre travestis que não verse sobre suas experiências com hormônios. Ao ter a oportunidade, elas compartilham os conhecimentos adquiridos através de suas experiências com essas substâncias que, segundo as travestis, são a verdadeira fonte de feminilidade, como se pode verificar no excerto abaixo<sup>9</sup>.

**Excerto 1: hormônios vs. natureza**

- 160 CYNTHIA: =eu sinceramente assim ó(.) tirei (os pelos)  
 161 faz quinze dias e tô esperando desesperada né?  
 162 ((bate na mesa e suspira)) >tudo pinicando <  
 163 cera é maravilhosa, né? [mas] como a  
 164 testosterona=  
 165 CASSIANA: [mhm]  
 166 CYNTHIA: =tem funcionado muito ultimamente=-  
 167 LUCIANA: =BAH::=  
 168 CYNTHIA: =me-ni-na o (pelo) não nasce tudo e eu tô  
 169 assim só na G2 desesperada=  
 170 LUCIANA: =por que que a testoterona briga com com com  
 171 com o hormônio?=-

---

<sup>9</sup> As convenções utilizadas nas transcrições são as seguintes:  
 MAIÚSCULA volume mais alto  
 @@@@ risos  
 [ ] falas que ocorreram simultaneamente  
 :::::: som alongado  
 = falas engatadas  
 (( )) comentários do analista

- 172 CYNTHIA: = porque é o nosso biológico e a produção de XXX  
 173 tá abalada.  
 174 LUCIANA: e que- quem vence? (.) quem vence?=  
 175 CYNTHIA: depende da quantidade de sintéticos que tu toma=  
 176 LUCIANA: = porque a doutora disse que é uma briga  
 177 interna que não tem vencedor=  
 178 CASSIANA: = depende da gente gozá muito, né? fica lá atrás  
 179 da moita @@[@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@@  
 180 MÁRCIA: [@@@@@@@@@@@@@  
 181 LUCIANA: [@@@@@@@@@  
 182 RODRIGO: [@@@@@@@@@@@@@  
 183 CYNTHIA: tem que prendê ó(.) qué um conselho de macaca  
 184 velha? olha que eu já fui considerada a rainha  
 185 do hormônio! conselho de macaca velha (0,5)  
 186 toma hormônio e NÃO goza(.) tua pele fica  
 187 boNIta, teus pelos custam a vim mas vão ficá  
 188 mais encravados(.) isso eu vô te dizê- agora tu  
 189 vai e segura isso por uma semana, quinze dias,  
 190 quando tu desaquendá a nena<sup>10</sup> tu vê no outro dia  
 191 Papai Noel na na frente do espelho=

A relação de amor e ódio entre as determinações biológicas das travestis e as intervenções químicas em seus corpos é um tópico muito frequente em interações nesse grupo. Nas linhas 160-164 do Excerto 1, Cynthia descreve sua dificuldade em manter sua figura feminina quando a “testosterona funciona muito”. A briga interna a qual Luciana refere-se na linha 170 parece ser o grande desafio nas vidas das travestis. Como os níveis de testosterona podem interferir nos efeitos trazidos pelos hormônios, as travestis às vezes têm que se privar do prazer sexual em uma tentativa de manter a substância em seus corpos. O vencedor dessa briga interna, como as travestis mesmas costumam afirmar, depende do quanto se ejacula. Nessa perspectiva, o sêmen parece ser concebido como o veículo através do qual sua feminilidade pode deixar seus corpos. Para evitar perder suas formas femininas, as travestis da comunidade sob escrutínio acreditam que devem manter seu esperma no interior de seus corpos (linhas 186-191) e, em nome da feminilidade, deixam de ejacular por dias, até mesmo semanas, para manter suas formas corporais. As interagentes no Excerto 1 nos mostram, através de suas experiências com hormônios, que o corpo é o locus de construção da identidade transgênero, ou

<sup>10</sup> “Desaquendar a nena” é uma expressão do *bajubá*, a linguagem cifrada utilizada pelas travestis, e significa ejacular.

seja, como indicam Borba e Ostermann (2007), ao moldar seus corpos (biologicamente masculinos) com símbolos da feminilidade as travestis *transformam*, *transgridem* e *transcendem* suas marcas identitárias masculinas na construção de sua feminilidade. No entanto, como não podemos deixar de notar, a feminilidade travesti é uma feminilidade bastante específica; é uma feminilidade cravejada/marcada/constrangida por suas determinações biológicas. Com isso, enfatiza-se o fato de que a herança biológica (e cultural) impingida em seus corpos não parece ser deixada completamente de lado quando da construção de suas identidades transgeneríficas. Essa herança deixa suas marcas que são corporal e discursivamente manipuladas na construção do *habitus* (BOURDIEU, 1986) travesti.

Outra prática empregada por travestis na procura de uma nova identidade é o uso de silicone industrial e/ou cirúrgico. Diferentemente dos hormônios, o silicone não é um traço diacrítico da travestilidade, já que nem todas as travestis o utilizam. A decisão de se submeter à injeção de qualquer dos tipos de silicone depende de muitos fatores, sendo a impossibilidade financeira o fator mais frequente. É importante notar, no entanto, que aquelas travestis que têm seus corpos moldados por silicone parecem possuir mais capital físico (BOURDIEU, 1986), o que é essencial nas vidas daquelas que trabalham como profissionais do sexo.

Como mencionado acima, há dois tipos de silicone disponíveis para uso, os quais toda travesti, embora possa não ter experimentado nenhum, conhece detalhadamente. O mais comum (por ser economicamente acessível) é o silicone industrial. Esse silicone é uma substância pastosa utilizada como lubrificante de máquinas que é injetada nos corpos das travestis por uma *bombadeira* (uma travesti que é paga para injetar silicone nos corpos de outras)<sup>11</sup>. Como esse silicone não é facilmente encontrado no mercado, as travestis confiam nas táticas da sua *bombadeira* para conseguir a substância. Durante uma sessão de injeção de silicone industrial, a travesti a ser *bombada* deita em uma cama com pedaços de tecido amarrados em sua cintura para evitar que o silicone vá para lugares não planejados. As partes mais comumente “siliconadas” são as nádegas, as coxas e os quadris. O peito não é um lugar apropriado para a injeção desse tipo de silicone, dizem as travestis, por ser um lugar “cheio de veias”, o que pode ocasionar danos muito graves. Outra razão para não colocar silicone industrial no peito, segundo as informantes, é que ele pode facilmente mudar de lugar. De acordo com Kulick (1998), os padrões de

---

<sup>11</sup> Ver Kulick (1998) e Benedetti (2005) para descrições mais detalhadas de sessões com *bombadeiras*.

siliconização encontrados em comunidades de travestis seguem o padrão estético brasileiro no qual mulheres, para serem sexy, devem ter nádegas protuberantes. Assim, as travestis investem seu silicone na parte inferior de seus corpos para que elas possam parecer mais desejáveis para seus namorados e clientes.

Os processos de feminilização aos quais as travestis se submetem parecem enfatizar o fato de que a anatomia não é mais o destino da humanidade (GIDDENS, 1993), já que pode ser facilmente manipulada por diferentes motivos. As mudanças elaboradas por esses indivíduos em seus corpos afirmam que identidade (especialmente a identidade de gênero) é uma questão de estilo de vida e escolha, não de essência. Além disso, esses processos demonstram que o corpo não pode ser considerado como um meio passivo sobre o qual significados sociais são impostos. Deve-se, pelo contrário, considerar o corpo como um participante ativo na construção de significados sociais (MAUSS, 1996, BORBA; OSTERMANN, 2007; BORBA, 2009, no prelo). Assim, ao manipular as formas masculinas de seus corpos, as travestis incorporam significados de gênero polimorfos que são perpetuados social e linguisticamente.

Os dados aqui analisados foram gerados durante um período de 12 meses (2003-2004) em uma comunidade<sup>12</sup> de travestis que se prostituem na Cidade do Sul. A entrada na comunidade foi apoiada por membras da ONG Liberdade, uma organização não governamental que trabalha com as travestis nessa cidade. As narrativas aqui analisadas foram gravadas em diferentes contextos durante o trabalho de campo. A primeira narrativa, sobre violência, foi contada espontaneamente durante uma tarde de sexta-feira na sede da Liberdade, durante o expediente da ONG.

A segunda narrativa, sobre sexualidade, foi também espontaneamente contada por Júlia, durante uma intervenção organizada pela equipe da Liberdade para entregar preservativos às travestis em suas áreas de prostituição. Durante as intervenções, Sandra e Márcia, mulheres em gênero e sexo, distribuem as camisinhas e conversam com as travestis sobre os mais variados assuntos e com os mais variados propósitos identitários (ver Borba (2009) para discussões mais detidas sobre as intervenções). Durante essas intervenções, eu ficava sentado no banco de trás do carro com o gravador ligado. É importante mencionar que todos os indivíduos envolvidos na pesquisa consentiram com a gravação em áudio de suas interações.

---

<sup>12</sup> Utilizo o termo comunidade ecoando o uso feito pelas travestis colaboradoras da pesquisa.

## Identities, narratives and performativity: the discursive construction of social positions

“A identidade é imanentemente social: uma conquista interacional” (MALONE, 1997, p. 1). Em outras palavras, ao nos engajarmos em embates interacionais, desencadeamos um processo discursivo de construção de nossas identidades sociais; as interações são *par excellence* palcos sobre os quais os indivíduos encenam (GOFFMAN, 1975) e performam (BUTLER, 2003a, 2003b) suas identidades. Dessa forma, as identidades são produtos/efeitos de práticas sociais (portanto, discursivas) situadas (BUTLER, 2003a, 2003b; BUCHOLTZ; HALL, 2003). Essa perspectiva nos fornece subsídios teórico-analíticos para tentar criar inteligibilidades sobre o leque de diferentes identidades disponíveis culturalmente. Ao considerar as identidades como construídas no/pelo/através do discurso, deparamo-nos com seu caráter contraditório, fragmentado e processual, pois em cada prática discursiva os indivíduos constituem-se diferentemente *vis-à-vis* o contexto sociocultural e histórico específico de cada prática. Dessa maneira, por exemplo, uma mulher negra, de classe trabalhadora, lésbica e mãe pode enfatizar determinados traços de seu feixe identitário (MOITA LOPES, 2003) e amenizar outros por razões determinadas localmente na interação.

O discurso, então, tem papel fundamental na construção de nossas identidades. As narrativas orais, como uma forma específica de estruturação discursiva, são aqui enfatizadas, pois “as histórias que contamos sobre nossas vidas e sobre as vidas dos outros são uma forma frequente de texto através do qual construímos, interpretamos e compartilhamos experiências” (SCHIFFRIN, 1996, p. 167). Desse modo, é a partir das histórias que contamos que nos constituímos e constituímos nossas/os interlocutoras/es como determinados tipos de pessoas pela (re)construção de significados disponíveis culturalmente. Nessa veia, como bem observa Linde (1993), as narrativas orais contêm as visões de mundo das/os falantes que, ao serem jogadas/os em um embate interacional, são (re)negociadas/os a partir de propósitos específicos – sendo um deles a construção de diferentes identidades. Destarte, ao contar suas histórias, “narradoras/es podem modificar quem são [...] [pois, através das narrativas, têm oportunidade de] [...] reforçar e às vezes recriar o tipo de pessoas que são” (WORTHAM, 2001, p. 11).

Vê-se, portanto, que as narrativas orais são palcos interacionais sobre os quais os/as interlocutores/as encenam múltiplas identidades para suprir propósitos (re)criados interacionalmente. Essas identidades múltiplas podem ser exibidas no palco narrativo através de posicionamentos adotados pelos/as

falantes (DAVIES; HARRÉ, 1990; WORHTAM, 2001; MOITA LOPES, 2001, 2002). Consoante Davies e Harré (1990, p. 48), “o posicionamento é o processo discursivo através do qual as identidades são alocadas nas conversas” a partir do engajamento com um ou vários discursos. Desse modo, os discursos (de gênero, de classe, de religião, de sexualidade) nos fornecem posições para que delas nos apropriemos. Ao interagir, temos a nossa disposição uma plêiade de posições-de-sujeito a serem utilizadas na negociação de objetivos identitários dentro de determinadas interações. É a partir dos discursos que utilizamos em nossas interações cotidianas que nos (re)constituímos e (re)constituímos nossas/os interlocutoras/es como determinados tipos de pessoas. Ao interagir, os/as falantes ocupam lugares particulares a partir dos discursos aos quais têm acesso. Com o acesso a variados discursos, os/as narradores/as “podem construir ou transformar sua identidade porque ao contar uma história o/a narrador/a adota certas posições interacionais” que os/as auxiliam a “tornar-se certos tipos de pessoas” (WORTHAM, 2001, p. 9). Assim, investigar os posicionamentos assumidos por falantes nos dá acesso aos microdetalhes do processo discursivo de construção de identidades, ou seja, a como elas são construídas no momento-a-momento da interação.

Para entender como os posicionamentos narrativos adotados possibilitam que nossas identidades estejam sempre em devir – continuamente cambiantes e estrategicamente temporárias –, é necessário considerar os enunciados utilizados para ocupar lugares na interação como *performativos*. Idealizada pelo filósofo da linguagem J. L. Austin (1976), a teoria dos atos de fala indica que ao falar não só descrevemos o mundo, mas sobre ele agimos, fazemos coisas. Enunciados como “Eu vos declaro marido e mulher”, quando proferidos por indivíduos autorizados, não caracterizam a realidade, mas a (re)criam. Dessa forma, enunciados não são meramente descritivos; eles são prescritivos. Utilizando *insights* dessa teoria para demonstrar como os gêneros sociais (e, de modo geral, as identidades) são produtos das performances locais dos indivíduos, a filósofa Judith Butler, em sua *opus magnum Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*, afirma que “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2003a, p. 59).

É, assim, a partir da repetição de certos atos (o discurso está aí incluído) que criamos nossas identidades. Esses atos são, para Butler (2003a, p. 194), performativos, pois “a essência ou a identidade que pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e

outros meios discursivos”. As performances de gênero são reguladas por normas que estabelecem como homens e mulheres devem agir. Essas regras limitam as potencialidades dos gêneros, circunscrevendo-os a um binarismo classificatório castrador (BORBA, 2006). Podemos ser homens ou mulheres, mas aqueles/as que rompem com as possibilidades de classificação, através de suas práticas, são desprezados/as, considerados como seres ininteligíveis, abjetos. As travestis constituem um caso extremo da performatividade dos atos significadores dos gêneros. Machos em sexo, mas femininas em gênero, elas parecem subverter a norma heteronormativa com suas performances. No entanto, ao adotar signos corporais e simbólicos ligados à feminilidade hegemônica, as travestis não subvertem a norma, mas a ela se submetem, pois gastam horas de seu dia e muito dinheiro na formatação de um corpo com marcas de gênero que nos remetem a uma feminilidade burguesa<sup>13</sup>.

Em que pese a ocupação de lugares específicos em narrativas (posicionamento), a teoria da performatividade nos possibilita entender o caráter processual das identidades sociais. Como mencionado, ao contar histórias, apresentamo-nos temporariamente como certos tipos de indivíduos através dos posicionamentos que decidimos assumir dentro dos discursos aos quais temos acesso. Para ocupar certos lugares é, porém, necessário fazer uso de determinados enunciados que possam produzir o efeito de uma identidade particular. Segundo Wortham (2001, p. 12), “o eu emerge à medida que uma pessoa repetidamente adota posições específicas, em relação aos outros e dentro de padrões culturais reconhecíveis em toda ação social”. Dessa forma, as identidades são trazidas à tona em contextos sociais específicos, e sua atualização, (re)negociação e administração dependem dos posicionamentos discursivos que tomamos.

## **Masculinidade(s)**

Com o advento da teoria da performatividade para os estudos sobre gênero social, houve uma explosão de pesquisas sobre como o gênero é construído nas/pelas práticas locais dos indivíduos. Grande parte dessas pesquisas lança seus esforços na tentativa de descrever as diferentes formas de construção de feminilidades (MCELHINNY, 1995; OSTERMANN, 2003); porém, na última década, com a desestabilização dos papéis dos homens na sociedade contemporânea, a masculinidade foi também colocada na berlinda.

---

<sup>13</sup> Pelúcio (2005b) observa que entre as travestis paulistas o estilo corporal mais desejado é o de “patricinha”, referência intertextual às imagens femininas exibidas em novelas globais, como *Malhação*.

Um influente estudioso nessa linha de pesquisa é Connell (1995, 2000)<sup>14</sup>, que em sua obra nega a existência de “uma masculinidade verdadeira” e natural como propriedade exclusiva dos homens. Segundo esse autor, a masculinidade não é um objeto coerente, mas sim fragmentado e fluido, parte de uma estrutura social em constante mudança. Connell (2000, p. 10) sugere que “não há um padrão de masculinidade encontrado em toda parte. Precisamos falar de “masculinidades” e não masculinidade”. Esse autor também afirma:

*As masculinidades não são programadas em nossos genes, nem fixadas pela estrutura social, anteriores à interação social. Elas vêm à tona à medida que as pessoas agem. Elas são ativamente produzidas através dos recursos e das estratégias disponíveis em um dado contexto social (CONNELL, 2000, p. 12).*

Dessa maneira, ignorar a existência da multiplicidade de masculinidades pode levar ao apagamento da existência de muitas pessoas. Pode-se, então, pensar que masculinidades são fragmentadas, fluidas e processuais (CONNELL, 1995, 2000; MOITA LOPES, 2002; O'DONNELL; SHARP, 2002), já que as performances de gênero dos indivíduos podem ser atravessadas por construtos, como classe social, raça, orientação sexual e profissão.

Outro ponto importante que caracteriza a fluidez da masculinidade é o fato de ela “referir-se a corpos masculinos [...], mas não é determinada pela biologia masculina. É perfeitamente lógico falar sobre mulheres masculinas e masculinidade na vida das mulheres, assim como masculinidade na vida dos homens” (CONNELL, 2000, p. 29). É, então, igualmente possível falar sobre masculinidade na vida das travestis. As travestis, embora transformem seus corpos, jeito de andar, falar e interagir para parecerem mulheres, não cogitam a possibilidade de extirpar seu órgão genital. Elas vivem em uma arena na qual a masculinidade está presente. Ao manter o pênis – o índice definidor da masculinidade – elas mantêm sua biologia; contudo, a ressignificam ao construir uma nova identidade baseada na sobreposição de símbolos e valores femininos que coexistem, em um mesmo corpo, com o falo e os valores a ele associados em nossa sociedade patriarcal. Assim, pode-se dizer que as travestis têm um tipo próprio de feminilidade (BENEDETTI, 2005), ao passo que também constroem um tipo próprio de masculinidade.

---

<sup>14</sup> Robert Connell, professor da Universidade de Sydney e importante pesquisador sobre questões relativas às masculinidades, tornou-se Raewyn Connell após cirurgia de transgenitalização. Neste texto, refiro-me a Connell com o masculino gramatical, pois as obras aqui citadas antecedem sua femininização.

Meu interesse com essa investigação é, propriamente, a construção discursiva de uma masculinidade específica da comunidade de travestis investigada. Grosso modo, a *transmasculinidade* é a masculinidade das travestis produzida através da sobreposição de performances masculinas e símbolos corporais e discursivos convencionalmente associados à feminilidade. No entanto, embora me refira à transmasculinidade como a masculinidade das travestis, é mister mantermos em perspectiva o fato de que ela, como discutido acima, é um efeito discursivo local e estratégico potencialmente disponível para qualquer falante de uma dada língua. Assim, seguindo Connell (2000), a transmasculinidade se refere à masculinidade utilizada por indivíduos que se esforçam na construção de uma feminilidade específica, mas que se posicionam em discursos da masculinidade para suprir projetos interacionais e identitários locais. A transmasculinidade, embora seja aqui utilizada para discutir um aspecto da travestilidade, pode ser também construída por mulheres tradicionalmente generificadas (como ilustram as pesquisas sobre mulheres profissionais do sexo que se posicionam em discursos da masculinidade quando discutem questões relativas à violência), por mulheres transexuais (SCHROCK, REID; BOYD, 2005; PARSONS, 2005), pelas *fakaleiti* de tonga (BESNIER, 2003), pelas *drag queens* (BARRET, 1999), pelas *hijras* indianas (HALL; O'DONOVAN, 1996; HALL, 1997, 2002) e por uma miríade de indivíduos comprometidos com a feminilidade, mas que por razões interacionalmente negociadas marcam afiliações com as masculinidades disponíveis em seus contextos culturais específicos. Dessa forma, o conceito de transmasculinidade enfatiza a possibilidade de (entre)cruzamentos identitários, indicando que gênero não é uma categoria estanque, mas sim fluida, movediça, instável, marcada pelos discursos generificados disponíveis e por práticas corporais e atualizada local e estrategicamente de diferentes formas em nossa construção identitária. É a construção narrativa da transmasculinidade elaborada pelas travestis colaboradoras desta pesquisa que trazemos à baila na seção que segue.

### **Narrativas de transmasculinidade**

Mostramos a seguir as análises das histórias geradas durante trabalho de campo em parceria com a ONG Liberdade. O objetivo aqui é descrever como as falantes travestis constroem-se transmasculinamente através dos posicionamentos adotados em suas interações. Duas características tidas como masculinas são enfatizadas: a violência física e o desapego aos parceiros sexuais (BADINTER, 1992). Com isso afirmamos que, apesar de arduamente

cultivar a feminilidade em seus corpos e práticas, as travestis, simultaneamente, constroem uma masculinidade própria baseada na sobreposição de símbolos de gênero em seus posicionamentos interacionais.

A primeira narrativa foi conarrada por Cynthia, Luciana e Cassiana (travestis ativistas da ONG Liberdade) em uma conversa informal gravada na sede da ONG. As personagens que povoam a história são Cynthia e um cliente que, ao contratar seus serviços sexuais, recusou-se a pagar pelo programa e tentou levá-la a um lugar inóspito distante de seu ponto de prostituição. Para evitar o “rapto”, Cynthia, em um episódio que nos remete a qualquer filme de aventura hollywoodiano, violentamente desvencilha-se do cliente e sai vitoriosa: “não deixei me machucar”. O tema da narrativa é, então, violência, i.e., desempenho (vitorioso) em brigas.

### Excerto 2: Não deixei ele me machucar

- 16 CYNTHIA: = agora que é arriscado é. mas é aquela coisa-  
17 CASSIANA: não::: não. até outro dia eu fiz uma coisa-  
18 assim, “você fazem A VOLTA NA QUADRA ME ESPEREM  
19 LÁ NA FRENTE DO POSTO quando eu chegar lá na frente  
20 vocês entro no posto”, mas eu subi no carro? TÁ DOIDA  
21 RODRIGO: @@@@  
22 LUCIANA: ah é assim=  
23 CASSIANA: =ahã. tá.=  
24 RODRIGO: =[se não fizer assim vai] parar em Vicente ((uma cidade vizinha))  
25 CASSIANA: [é::: se não vai mesmo]  
26 LUCIANA: não não. me cuido mais @@@@  
27 CYNTHIA: AH:: não te contei a penúltima quase que  
28 eu fui parar na:: [:::]  
29 CASSIANA: [na] ponte do Gatiba::= ((o rio da cidade))  
30 CYNTHIA: =no Gatiba  
32 LUCIANA: =na ponte?=  
33 CASSIANA: =ih::: ela foi-=  
34 CYNTHIA: =quase coloquei um caminhão dentro do Gatiba. o ocó<sup>15</sup>  
35 não queria pagar e queria me levar lá pra pra pras ilha  
36 lá eu peguei e me grudei na direção e ele quase  
37 entrô num ônibus lá na (?) aí depois ele queria me  
38 arrastar do caminhão me tirar de dentro, mas não  
39 consegui. eu peguei um tamanco que eu tinha na época  
40 da (?) com um taco ((salto)) pau. FUREI TODO O BRAÇO  
41 DELE tatatatata ((faz o movimento que utilizou para

<sup>15</sup> Termo êmico usado para se referir a homens masculinos.

- 42 desvencilhar-se))  
43 LUCIANA: ele te machucô?  
44 CYNTHIA: aquela que vai pro pronto socorro com o braço todo  
45 furado por (um travesti). não ele nem chegou a me tirá  
46 de dentro da Cidade do Sul  
47 LUCIANA: dá um pavor né?=  
48CYNTHIA: =eu tava montada<sup>16</sup> mas não deixei me machucá. não deixei ele me  
machucá

Após uma longa discussão na qual as falantes compartilhavam aprendizados sobre como evitar violência de alguns de seus clientes, Cynthia e Cassiana iniciam a narrativa a ser contada (linhas 28, 29) com o resumo da história (LABOV; WALETSKY, 1997): “ah, não te contei a penúltima. Quase fui parar na ponte do Gatiba”. Cassiana parece já conhecer a história, pois coconstrói o turno de Cynthia através da sobreposição de falas e coconstrução do turno (l. 28 e 29). Porém, Luciana se mostra interessada, o que motiva o desenvolvimento da narrativa. Note que em seu turno Cynthia refere-se à penúltima ocasião na qual enfrentou algum tipo de violência (linha 27), sinalizando que depois de quase ter sido raptada por seu cliente outras situações perigosas aconteceram.

A violência que enfrentam de seus clientes e até mesmo de policiais que patrulham os territórios de prostituição travesti na Cidade do Sul é *habitué* nas vidas das informantes<sup>17</sup>. Muitas histórias impressionantes foram contadas: travestis mortas a tiros por transeuntes, ovos e pedras jogados das janelas dos carros, surras e outros tipos de humilhações são comuns nas narrativas das travestis que participaram deste estudo. Por enfrentar todo tipo de violência nas ruas, as travestis parecem ter desenvolvido sofisticadas técnicas para escapar de situações perigosas (vide as linhas 17-20 no excerto acima) e, sempre que têm a oportunidade, trocam suas experiências e aprendizados para levar a vida na *batalha* com mais segurança. Esse é o caso da interação acima ilustrada. Luciana, alguns dias antes de nosso encontro na sede da Liberdade, havia sido levada por um de seus clientes para uma cidade distante de seu ponto de prostituição. Não sabendo onde estava e sem dinheiro para voltar para casa, Luciana ligou para a advogada da ONG que, de madrugada, foi buscá-la em Vicente, uma cidade de pequeno porte próxima à Cidade do Sul.

---

<sup>16</sup> Termo êmico usado para se referir ao ato de estar vestida com roupas elegantes e sensuais, normalmente usadas durante a prostituição.

<sup>17</sup> Para relatos sobre a violência enfrentada por travestis em diferentes cidades do Brasil, ver Kulick (1998), Peres (2004) e Pelúcio (2005a).

Ao contar a “penúltima” situação violenta que enfrentou, Cynthia posiciona-se repetidamente em discursos que nos remetem ao universo masculino. Tais posicionamentos emergem de enunciados que produzem o efeito de masculinidade: “quase coloquei um caminhão dentro do Gatiba”, “eu peguei e me grudei na direção”, “furei todo o braço dele”. Esses enunciados, performativamente, alocam Cynthia em posições de força, violência e poder – ideologicamente ligadas à masculinidade (CONNELL, 1995; BADINTER, 1992). Os posicionamentos discursivos utilizados pela narradora demonstram a habilidade da falante para lidar com clientes e sua força para livrar-se de situações indesejadas.

No entanto, a masculinidade construída por Cynthia para demonstrar sua superioridade com relação a seu cliente não é a masculinidade de um homem, mas sim de uma travesti, para quem a feminilidade é seu grande objetivo, sua *tour de force*. É interessante notar que, embora uma identidade masculina surja da história de Cynthia, através dos enunciados escolhidos pela falante, essa masculinidade é desestabilizada ao ser, na linha 39, sobreposta com um símbolo feminino: um sapato de salto alto. Essa insígnia de feminilidade é, nas mãos da falante, ressignificada e transforma-se em um instrumento de defesa. Assim, ao contar que “eu peguei um tamanco que eu tinha na época da (?) com um taco pau [e] furei todo o braço dele”, Cynthia constrói sua transmasculinidade. É através dessa sobreposição de posicionamentos interacionais masculinos e índices de feminilidade em seu discurso que as travestis posicionam-se nas fronteiras dos gêneros (LOURO, 2001), alocando em um só corpo a semiótica que produz o binarismo de gênero que organiza nossa sociedade.

A segunda narrativa que analiso para discutir a construção da transmasculinidade tem como tema central a sexualidade. A história foi contada por Júlia durante uma intervenção realizada pela equipe da Liberdade para distribuir preservativos às travestis enquanto elas trabalham nas ruas da Cidade do Sul. Na interação, também participam Sandra, a advogada da ONG, e Márcia, a secretária. No excerto que segue, Julia constrói sua transmasculinidade ao narrar sua recente separação do *marido*<sup>18</sup>. Ao contar sua experiência, a falante tem um posicionamento de desapego aos parceiros sexuais que, segundo ela, servem somente para fazê-la “gozar”. Essa é uma opinião ideologicamente ligada à masculinidade. Em uma sociedade patriarcal como a nossa, homens são tidos como sexualmente incontinentes e sexualmente desapegados (BADINTER, 1992; MOITA LOPES, 2002). É dessa

---

<sup>18</sup> Termo ênico para se referir aos parceiros afetivo-sexuais das travestis.



feminilidade hegemônica e tenta impor a Júlia tal posicionamento frágil e fraco. Porém, Júlia recusa o novo posicionamento e reafirma sua força e independência em relação aos homens. Esse tipo de posicionamento é igualmente produzido por outros enunciados: “home é o que mais tem, gatinha” e “o meu negócio é gozá e mandá embora”. Performativamente falando, esses enunciados são repetições de normas que precedem e limitam (BUTLER, 2003a) os/as falantes, pois constituem o campo discursivo da masculinidade hegemônica. Assim, ao utilizá-los, Júlia posiciona-se nesse discurso e produz um tipo específico de masculinidade.

Observe, no entanto, que essa masculinidade é muito característica das travestis que participaram deste estudo. Nas linhas 128 e 129, Júlia parece posicionar-se de maneira diferente através da suas escolhas lexicais: “dá um cafezinho”, “uma janta”, “se tiver com fome”. A escolha de palavras e ações convencionalmente tidas como femininas posiciona a falante como uma pessoa preocupada com o bem-estar de seus parceiros, o que é antagônico se levarmos em consideração seus posicionamentos anteriores. Contudo, acredito que esses posicionamentos se complementam na construção da identidade travesti. Uma identidade que se caracteriza pela rápida circulação e fluidez por discursos generificados aos quais as travestis têm acesso. Como indivíduos que foram criados como meninos e que, em certo momento de sua vida, constroem uma nova identidade adotando características corporais, simbólicas e semióticas relacionadas ao feminino, as travestis têm acesso a variados discursos de gênero, o que pode ser verificado nos posicionamentos ocupados na construção dessa masculinidade.

Não queremos com isso afirmar que a desvinculação entre sexo e amor é uma característica compartilhada por todas as travestis. Com efeito, essa desvinculação e a banalização do sexo têm sido descritas como um aspecto da masculinidade hegemônica. No entanto, essa construção discursiva é local e estratégica. Com isso, enfatizamos o fato de que, como discutido em etnografias sobre travestis (KULICK, 1998; PELÚCIO, 2005a, 2005b, 2007), desvincular sexo e amor é uma estratégia utilizada por travestis profissionais do sexo no âmbito laboral (apesar de o envolvimento afetivo entre profissionais e cliente não seja inexistente). Da mesma forma, como Pelúcio indica em seus trabalhos, há uma filiação ao ideal de amor romântico entre as travestis no âmbito de sua intimidade com seus parceiros afetivo-sexuais<sup>20</sup>. Essas contradições (aparentes) sugerem que a construção identitária de Júlia no

---

<sup>20</sup> Agradecemos à/ao parecerista anônimo/a por chamar atenção para essa questão.

excerto acima é local (ocasionada por seu engajamento à história de sua separação), estratégica (produzida como ferramenta para parecer forte e não sofrer com a separação) e temporária (construída para os propósitos identitários e interacionais dessa interação com Sandra e Márcia). Destarte, a transmasculinidade de Júlia emerge dessa interação como um fenômeno interacional produzido especificamente para os projetos identitários negociados em conjunto com suas interlocutoras.

### **Considerações finais**

As análises das narrativas, dos posicionamentos interacionais e das performances generificadas híbridas demonstram a natureza fragmentada, heterogênea e fluida de suas identidades como travestis. Ao considerar esses posicionamentos através da teoria da performatividade, tentamos demonstrar a força de enunciados como “o negócio é gozá e mandá embora” de produzir significados indiciais (WORTHAM, 2001) que alocam as travestis em discursos de masculinidade. No entanto, a masculinidade das travestis emerge de suas interações, atravessada por símbolos da feminilidade, o que produz o efeito discursivo de uma identidade contraditória. Essa “contradição” pode ser chamada de transmasculinidade, i.e., uma masculinidade sobreposta por índices de feminilidade.

Vê-se, assim, que a construção de uma performance de gênero (BUTLER, 2003a) feminina sobre um corpo biologicamente masculino através do complexo sistema de *techniques du corps* (MAUSS, 1996) descrito acima permite às travestis circular por discursos de gênero e sexualidade aos quais indivíduos tradicionalmente generificados têm pouco (ou nenhum?) acesso. A circulação por esses discursos pode ser verificada nos posicionamentos interacionais construídos por travestis nas narrativas analisadas. Através desses posicionamentos, que transpõem (e deslocam) significados da dicotomia de gênero que humaniza nossa sociedade (BUTLER, 2003a, 2003b), a identidade travesti emerge na interseção dos discursos de gênero disponíveis, assim, as travestis constroem suas posições de sujeito nas fronteiras discursivas dos gêneros, sobrepondo índices de masculinidade e feminilidade na sua construção corporal e discursiva.

Com a proliferação de novos estilos de vida (BAUMAN, 2005), novas configurações afetivo-sexuais (VAITSMAN, 1994), novas conjugalidades (MELLO, 2005), novas formas de lidar com o corpo e apresentação de si (SHILLING, 1997), encontramos diariamente construções identitárias que, ao

desafiarem discursos tradicionais, fazem-nos repensar a vida social. A heterogeneidade da vida contemporânea pode nos impor questionamentos sobre quem somos e sobre quem podemos ser (FOUCAULT, 1995; FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2004). O socioconstrucionismo (MOITA LOPES, 2002; 2003), o modelo teórico-analítico da teoria da performatividade (BUTLER, 2003a, 2003b) e o conceito de transmasculinidade nos fornecem um aparato para investigarmos as flutuações identitárias efetuadas cotidianamente por indivíduos ao se tornarem seres sociais.

Acreditamos que esse seja um movimento importante para os estudos sobre as identidades sociais no mundo contemporâneo, pois, como indica Moita Lopes (2006, p. 102), “algumas pessoas são cada vez mais expostas a uma multiplicidade de projetos identitários, como também à percepção da heterogeneidade identitária existindo em um mesmo ser social”. Essa exposição a múltiplos projetos identitários é, em grande parte, mediada em e constituída por nossas práticas discursivas diárias. Cotidianamente, defrontamo-nos com uma pluriversidade de projetos identitários que, como sugere Fabrício (2006), causa desconcertos e vertigens pós-modernas (FABRÍCIO; MOITA LOPES, 2004; FRIDMAN, 2000). Fica claro, então, que o estudo dos processos de entrecruzamentos e transformações identitárias pode ser um movimento de pesquisa crucial para que possamos entender os múltiplos e maleáveis processos discursivo-identitários que constituem a travestilidade e, de forma mais abrangente, a sociedade contemporânea. Faz-se mister, então, trazer para o foco das pesquisas nos estudos de (trans)gênero e nas humanidades a pergunta: como lidamos, em nossas práticas discursivas, com os deslocamentos de significados identitários antes entendidos como estáticos? Encaminhamos, nas análises acima, de modo parcial, algumas respostas potenciais a tal questionamento. Contudo, transmasculinidades são produzidas em uma miríade de contextos socioculturais que, acredito, merecem nossa atenção em estudos futuros. Investigar as dinâmicas discursivas emergentes de tais contextos pode nos ajudar a compreender alguns dos trânsitos identitários constituintes de nossa vida social.

Seguindo essa linha de pesquisa, devemos questionar, e olhar com desconfiança, a perspectiva tradicional (atualmente questionada) na sociolinguística que considera as relações entre linguagem e identidade como monolíticas. Com isso, queremos afirmar que a investigação sobre os processos interacionais e narrativos de construção, reconstrução, negociação, renegociação e administração de discursos generificados específicos problematiza a “distinção confortável [baseada naquela perspectiva] de

mulheres fazendo feminilidades e homens fazendo masculinidades” (GEORGAKOPOULOU, 2005, p. 182). Tal perspectiva parece improdutivo para entender as práticas discursivo-identitárias estruturadas no *trottoir*, e de modo mais abrangente, na sociedade contemporânea.

Os jogos de identidades (HALL, 2001) com os quais nos engajamos cotidianamente trazem à tona construções identitárias múltiplas e moventes. Essa maleabilidade identitária ilustra como as fronteiras entre as identidades são porosas, abertas para mudanças e transformações (locais e temporárias). Como vimos, o repertório de identidades das travestis é local e estrategicamente manipulado com base nos discursos de gênero aos quais têm acesso. Ademais, o estudo sobre transmasculinidades pode nos fornecer subsídios para que entendamos os processos discursivos que produzem misturas e cruzamentos; entre-espços que nos causam desconfiança e insegurança por trazer à baila significados identitários inauditos. Afinal, como essa proliferação de identidades do mundo contemporâneo afeta a construção cotidiana de nosso feixe identitário (MOITA LOPES, 2003)? Como indivíduos que se alocam em discursos de identidades considerados não tradicionais negociam suas posições de sujeito em face das forças hegemônicas referentes a gênero, sexualidade, classe social, raça e profissão? E qual a consequência que esse espectro multifacetado composto por identidades ditas não tradicionais traz para aqueles e aquelas que ainda se veem atrelados a discursos de identidades normativos? O estudo sobre a fluidez de identidades generificadas, da interpenetração dos masculinos nos femininos e dos femininos nos masculinos pode trazer possíveis respostas a esses questionamentos.

## Referências

- AUSTIN, John. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- BADINTER, Elizabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BARRET, Rusty. Indexing Polyphonous Identity in the Speech of African American Drag Queens. In: BUCHOLTZ, Mary; LIANG, A.; SUTTON, Laurel (Ed.). *Rethinking identities: the gendered self in discourse*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 313-331.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENEDETTI, Marcos. Hormonizada: reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis em Porto Alegre. In: FÁBREGAS-MARTINEZ, Ana; BENEDETTI, M. (Ed.). *Na Batalha: identidade, sexualidade e poder no universo da batalha*. Porto Alegre: Da Casa: GAPA-RS, 2000.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BESNIER, Niko. Crossing Genders, Mixing Languages: the linguistic construction of transgenderism in Tonga. In: HOLMES, Janet; MEYERHOFF, Myriam (Ed.). *Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 279-301.
- BORBA, Rodrigo. Linguística *Queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. *Entrelinhas*, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006. Disponível em: <[www.entrelinhas.unisinos.br](http://www.entrelinhas.unisinos.br)>. Acesso em: 7 jan. 2009.
- BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana. Do bodies matter? Travestis' embodiment of (trans)gender identity through the manipulation of the Brazilian Portuguese grammatical gender system. *Language and Gender*, v. 1, n. 1, p. 131-147, 2007.
- BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, p. 409-432, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, John (Ed.). *Handbook of theory and research for the Sociology of Education*. New York: Greenwood Press, 1986.
- BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. Language and Identity. In: DURANTI, Alessandro (Ed.). *A companion to Linguistic Anthropology*. Oxford: Basil Blackwell, 2003. p. 268-294.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.
- BUTLER, Judith. Critically *Queer*. In: STRIFF, Erin (Ed.). *Performance Studies*. New York: Palgrave, 2003b.
- COATES, Jennifer. 'Thank God I'm a woman': the construction of differing femininities. In: CAMERON, Deborah (Ed.). *The feminist critique of language: a reader*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 297-320.

- CONNELL, Robert. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNELL, Robert. *The men and the boys*. Berkeley: University of California Press, 2000.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHMITT, James. Hegemonic Masculinity: rethinking the concept. *Gender and Society*, v. 19, n. 6, p. 829-859, 2005.
- DAVIES, Bronwyn; HARRÉ, Rom. Positioning: the discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 20, n. 1, p. 43-63, 1990.
- EPPLE, Carolyn. Coming to terms with Navajo nadleehi: a critique of berdache, 'gay', 'alternative gender', and 'two spirit'. *American Ethnologist*, v. 25, n. 2, p. 267-290, 1998.
- FABRÍCIO, Branca. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.
- FABRÍCIO, Branca; MOITA LOPES, Luiz. Discursos e vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. *Veredas*, v. 4, n. 2, p. 19-42, 2004.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Org.). *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FRIDMAN, Luis. *Vertigens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- GEORGAKOPOULOU, Alessandra. Styling men and masculinities: interactional and identity aspects at work. *Language in Society*, v. 34, n. 2, p. 163-184, 2005.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca; GARCEZ, Pedro (Org.). *Sociolinguística Interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107-148.
- GOFFMAN, Erving. *The presentation of self in everyday life*. London: Penguin, 1975.
- GOULET, Jean-Guy. The 'Berdache': 'two-spirit': a comparison of anthropological and native constructions of gendered identities among the northern Athapaskans. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 2, p. 683-701, 1997.
- HALL, Kira. "Go suck your husband's sugarcane!": Hijras and the use of sexual insult. In: LIVIA, Anna; HALL, Kira (Ed.). *Queerly Phrased: language, gender, and sexuality*. New York: Oxford University Press, 1997. p. 430-460.
- HALL, Kira. "Unnatural" Gender in Hindi. In: HELLINGER, Marlis; BUSSMAN, Hadumod (Ed.). *Gender across Languages: the Linguistic representation of women and men*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 133-162.

- HALL, Kira. Intertextual sexuality: parodies of class, identity, and desire in Liminal Delhi. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 15, n. 1, p. 125-144, 2005.
- HALL, Kira; O'DONOVAN, Veronica. Shifting Gender Positions Among Hindi-speaking Hijras. In: BERGVALL, Victoria; BING, Janet; FREED, Alice (Ed.). *Rethinking language and gender research: theory and practice*. London: Longman, 1996. p. 228-266.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- KULICK, Don. The gender of Brazilian transgendered prostitutes. *American Anthropologist*, v. 99, p. 547-585, 1997.
- KULICK, Don. *Travesti: sex, gender, and culture among Brazilian transgendered prostitutes*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1998.
- KULICK, Don; KLEIN, Charles. Scandalous acts: the politics of shame among Brazilian travesti prostitutes. In: HOBSON, B. (Ed.). *Recognition struggles and social movements: contested identities, agency, and power*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 215-238.
- LABOV, William; WALETSKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. *Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1-4, p. 3-38, 1997.
- LIVIA, Anna. Disloyal to masculinity: linguistic gender and liminal identity in French. In: LIVIA, Anna; HALL, Kira (Ed.). *Queerly phrased: language, gender, and sexuality*. New York: Oxford University Press, 1997. p. 349-368.
- LEVY, Robert. The community function of Tahitian male transvestism: a hypothesis. *Anthropological Quarterly*, v. 44, n. 1, p. 12-21, 1971.
- LINDE, Charlotte. *Life stories: the creation of coherence*. New York: Oxford University Press, 1993.
- LOURO, Guacira. Teoria *Queer*: uma política pós-identitária para a Educação. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- MAGEO, Jeannette. Male transvestism and cultural change in Samoa. *American Ethnologist*, v. 19, n. 3, p. 443-459, 1992.
- MALONE, Martin. *Worlds of talk: the presentation of self in everyday conversation*. Oxford: Polity Press, 1997.
- MAUSS, Marcel. Lês techniques du corps. In: MAUSS, Marcel (Ed.). *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1996. p. 363-368.
- MCELHINNY, Bonnie. Challenging hegemonic masculinities: Female and male police officers handling domestic violence. In: HALL, Kira; BUCHOLTZ, Mary. *Gender articulated: language and the socially constructed self*. New York: Oxford University Press, 1995.
- MELLO, Luiz. *Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

- MOITA LOPES, Luiz. Discurso, corpo e identidade: masculinidade hegemônica como comunidade imaginada na escola. *Gragoatá*, v. 11, p. 207-226, 2001.
- MOITA LOPES, Luiz. *Identidades fragmentadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MOITA LOPES, Luiz. *Discurso de identidades*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- MOITA LOPES, Luiz. On being white, male and heterosexual: multiple positionings in oral narratives. In: SCHIFFRIN, Deborah; DE FINNA, Anna; BAMBERG, Michael (Ed.). *Discourse and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- O'DONNELL, Mike; SHARP, Sue. *Uncertain masculinities*. London: Routledge, 2002.
- OSTERMANN, Ana. Communities of practice at work: gender, facework, and the power of *habitus* at an all-female police station and a feminist crisis interventions center in Brazil. *Discourse and Society*, v. 14, n. 4, p. 473-505, 2003.
- PARKER, Richard. *Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PARSONS, C. Exploring transsexual narratives of identity (trans)formation: a search for identity. *Psychology of Women Section Review*, v. 7, n. 2, p. 60-70, 2005. Special Issue: Sexualities.
- PELÚCIO, Larissa. No salto: trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Org.). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis; Santa Cruz do Sul: Mulheres; EDUNISC, 2007. p. 93-124.
- PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu*, v. 25, p. 217-248, 2005a.
- PELÚCIO, Larissa. 'Toda quebrada na plástica': corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. *Campos* 6, v. 1, p. 97-112, 2005b.
- PERES, William. Travestis: subjetividades em construção permanente. In: UZIEL, Anna; RIOS, Luís; PARKER, Richard (Org.). *Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004. p. 115-128.
- PIRANI, Denise. *Quand les lumières de la vie s'éteignent: minorités et clandestinités à Paris, les cas des travestis*. 1997. Tese (Doutorado em Sociologia) –École des Hautes Études em Science Sociales, Paris, 1997.
- SCHIFFRIN, Deborah. Narrative as self-portrait: sociolinguistic construction of identity. *Language in Society*, v. 25, p. 167-203, 1996.
- SCHROCK, Douglas; REID, Lori; BOYD, Emily. Transsexuals' Embodiment of Womanhood. *Gender & Society*, v. 19, n. 3, p. 317-335, 2005.
- SHILLING, Chris. *The body and difference*. In: WOODWARD, Kathryn (Ed.). *Identity and difference*. London: SAGE, 1997. p. 63-107.
- SILVA, Hélio. *Certas cariocas: travestis e a vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

- SILVA, Hélio. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Lser, 1993.
- SINNOT, Megan. *Toms and dees: transgender identity and female same-sex relationships in Thailand*. Honolulu: University of Hawai'i, 2004.
- VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- WORTHAM, Stanton. *Narratives in action*. New York: Teacher's College Press, 2001.
- WIKAN, Unni. The Omani *xanith*: a third gender role? *Man* 13, v. 3, p. 473-475, 1977.